

UM ATLAS DE HISTÓRIA UNIVERSAL

Há poucos anos foi editado em França um novo e interessante atlas histórico:

Le Grand Atlas de l'Histoire Mondiale, Encyclopædia Universalis/Albin Michel, Paris, 1985, 370 p., 27 × 37 × 3 cm, 490 francos franceses.

Trata-se da adaptação de *The Times Atlas of World History* (London, Times Books, 1984, 2.ª edição). Na versão original, em inglês, publicada em 1978, GEOFFREY BARRACLOUGH dirigiu a edição da obra, na qual participaram quase duas centenas de especialistas de todo o mundo.

Le Grand Atlas de l'Histoire Mondiale encontra-se organizado em 7 capítulos, intitulados:

1. Os primeiros homens (p. 30 a 49);
2. As primeiras civilizações: 3500-1000 a.C. (p. 50 a 67);
3. A irradiação dos grandes impérios: 1000 a.C.-500 d.C. (p. 68 a 95);
4. O mundo dividido: 500-1000 (p. 96 a 151);
5. A expansão do Ocidente: 1500-1815 (p. 152 a 205);
6. O apogeu da Europa: 1815-1914 (p. 206 a 253);
7. As incertezas da época planetária: o século XX (p. 254 a 295).

Nesta versão do Atlas foi ainda incluída, no final, uma parte sobre a França («Um olhar sobre a França», p. 296 a 305), com mapas a preto e branco.

Trata-se, pois, de um Atlas de História Universal, percorrendo-a desde os primórdios da Humanidade até às vicissitudes dos nossos dias. O desenvolvimento dos aspectos actuais confere-lhe uma imagem viva: os problemas políticos e económicos deste século, as guerras mundiais com os seus antecedentes e consequências, o fim dos impérios coloniais e os problemas suscitados pela emancipação dos novos estados, as regiões conturbadas da América Latina e do Médio-Oriente e o fosso entre as nações ricas e pobres são temas que atraem a atenção da maioria das pessoas, que aqui poderão encontrar as chaves para a melhor compreensão do mundo de hoje.

Fascinante síntese das grandes correntes da História Mundial, este Atlas é uma obra ao mesmo tempo atraente, rica e séria. É uma obra feita para se manter durante muito tempo, quaisquer que sejam os progressos dos conhecimentos históricos nos próximos anos. Deve ter, nas bibliotecas, o mesmo papel fundamental que outrora tiveram os grandes atlas históricos do começo do século (VIDAL-LABLACHE, *Atlas générale (Histoire et Géographie)*, Paris, Armand Colin, 1894, 1.ª ed., várias vezes reeditado até aos anos 60).

Cada um dos temas abordados no Atlas ocupa duas páginas contíguas. Texto, denso e rico, e mapas (ou outras ilustrações), sempre presentes e a cores, interpenetram-se de maneira harmoniosa, numa coexistên-

cia em que ambos se tornam indispensáveis ao utilizador. Naturalmente, as cores fazem sobressair as imagens, tornando-as preponderantes, mas o texto acompanha-as na mesma solidez de concepção, como complemento da informação cartográfica. Abre a obra um quadro cronológico e fecha-a um glossário, com informações suplementares a respeito de mais de um milhar e meio de termos referidos no Atlas, e um índice, que reúne os nomes de lugares onde ocorreram acontecimentos históricos importantes, indicando as suas várias designações.

A qualidade do tratamento cartográfico dos temas é o aspecto que se pretendeu fazer ressaltar na análise deste Atlas. Isto não significa, no entanto, que as soluções encontradas sejam sempre as melhores. Por vezes, os mapas são de leitura difícil, quer pela quantidade de informação retratada (em certos casos, a inclusão no texto seria preferível à figuração no espaço), quer pelos aspectos gráficos, mas é preciso não esquecer as grandes dificuldades da representação espacial de certas informações qualitativas (como, por exemplo, o movimento de pessoas e bens) e do emprego claro e eficaz da cor.

A alternância de mapas clássicos com outros, concebidos segundo projecções cartográficas que sugerem uma perspectiva vista do Espaço, é particularmente feliz. Estes dão ao leitor a impressão da descoberta do crescimento e da evolução da Humanidade por extraterrestres, dotados ao mesmo tempo de larga visão espacial e da capacidade de «ver no tempo». É uma espécie de adaptação à História deste olhar «de fora» do Planeta, trazida recentemente pelos registos dos satélites.

Inevitável e felizmente, a moderna visão de conjunto da Terra levou os autores do Atlas a enquadrar os movimentos de povos e de ideias no seu meio natural, sobretudo nos aspectos de relevo e cobertura vegetal. Mas outros aspectos geográficos de grande importância, como as correntes marinhas e atmosféricas, a variedade das águas oceânicas, a frequência das tempestades, a irregularidade temporal das precipitações, etc., aparecem muito pouco. Sem dúvida que a sua inclusão teria sido difícil e, talvez, arriscada.

A impressão de «descoberta» que traz a visão da superfície terrestre a partir do Espaço é ainda melhorada pela variedade de pontos de vista que essa técnica cartográfica permite, variedade no entanto sempre adaptada ao problema focado. Vê-se realmente estabelecerem-se novos contactos entre terras até então separadas ou, mais raramente, desfazem-se as ligações anteriormente existentes.

O Atlas é «mundial» em toda a medida em que os conhecimentos actuais o permitem. Evita o eurocentrismo tradicional, sem todavia o conseguir completamente. Para o leitor mediterrâneo, em especial, pode parecer que a História da margem sul do seu mar interior esteja insuficientemente representada. Há realmente pouco sobre o Norte de África, cuja História, no entanto, é hoje suficientemente conhecida. Também o Atlântico em si está pouco representado, como aliás, os oceanos em geral. É verdade que, excepto na parte setentrional, aquele continua a ser um dos grandes vazios na rede das actividades humanas.

Talvez tenha faltado imaginação e criatividade aos mapas sobre o Mundo actual, que fecham o volume. O último, das «nações ricas e das nações pobres» (p. 294 e 295), é estranhamente estático (e não datado!), quando o leitor esperaria uma imagem dinâmica de um tempo tão fértil em tensões, dependências e dominações. É pena que o conjunto da obra, marcado por um dinamismo geral, tão evocativo da aventura humana e tão capaz de despertar a curiosidade histórica, tenha um fecho tão pobre e apagado.

Este Atlas tem, infelizmente, um preço pouco acessível (a sua aquisição em Portugal ronda os 15 contos). Este preço é, contudo, moderado se se considerar que o Atlas contém 130 «páginas duplas» a cores, ou seja, que cada uma, com os seus úteis anexos reunidos no começo e no fim, custa a quem o adquirir pouco mais de 100\$00. Mas a Times Books tem ainda editada, em inglês, uma versão reduzida da obra original. *The Times Concise Atlas of World History* (London, Times Books, 1986, em edição actualizada, 184 p., 23 × 30 × 1 cm, £7,95), cujos princípios de concepção são os mesmos do Atlas maior, não é apenas uma versão abreviada: das três centenas de mapas incluídos, uma boa parte é nova, modificada ou actualizada.

Em resumo, trata-se de uma obra atraente que alia uma grande qualidade de concepção gráfica ao rigor e simplicidade no tratamento dos temas históricos. Dela diz, no prefácio, o eminente historiador EMMANUEL LE ROY LADURIE «... j'ai lu ce grand livre (dans tous les sens de l'adjectif 'grand') comme un roman». Por tudo isto se recomenda a sua consulta frequente aos estudiosos de Geografia e de História e, ainda, a todos os que se interessam e procuram compreender o mundo dos nossos dias.

SUZANNE DAVEAU
MARIA HELENA DIAS